

Capítulo 12

Saúde & cidadania:

entrelaçando textos didáticos, paradidáticos e literários

Virgínia Torres Schall*

O livro, como o temos, tortura as pobres crianças – e, no entanto, poderia diverti-las, como a gramática da Emília o está fazendo. Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil. A química, a física, a biologia, a geografia prestam-se imensamente, porque lidam com coisas concretas. O mais difícil era a gramática e é a aritmética. Fiz a primeira e vou tentar a segunda. O resto fica canja. (LOBATO apud NUNES, 1986, p. 96).



Figura 40: O livro como diversão

A escola é um ambiente com potencial riquíssimo de encontro humano, mas tem sido desperdiçado pela repetição secular de uma pedagogia tradicional, movida pelo objetivo de reproduzir conhecimentos e padronizar os alunos. Em lugar de despertar a curiosidade, tem priorizado modelar, inculcar e adestrar as mentalidades. No entanto, como comenta Monteiro Lobato na epígrafe acima, é possível manter o sonho de alçar voos de diálogos e alegria junto às crianças ao falar com elas sobre

* Doutora em Educação. Pesquisadora do Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente, Centro de Pesquisas René Rachou – Fundação Oswaldo Cruz, Belo Horizonte, Minas Gerais.

Ciências e despertar identificação e desejo de compartilhar o processo de construção de conhecimento.

Também embasado em sua experiência como professor, Rubem Alves (2003) nos fala que o saber da escola que não responde aos sonhos será logo esquecido. O caminho apontado por Lobato indica como alcançar o sonho do ensino prazeroso por meio da literatura, conscientes dos riscos que o cotidiano da sala de aula representa para a facilidade da repetição e leitura mecânica até mesmo de belas histórias e uso enfadonho de ricas atividades lúdicas. Portanto, a forma de inserir as propostas aqui delineadas é muito relevante e é isso também que queremos destacar.

O diálogo que aqui iniciamos com vocês, professores, pretende motivá-los a tratar o tema saúde, preconizado como transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, MEC/SEF, Brasil, 1997), indo além do livro didático e recorrendo a textos paradidáticos e literários (seja da biblioteca de leitura complementar ou de muitas outras fontes) e atividades lúdicas. Os temas considerados como transversais devem perpassar as disciplinas específicas, requerendo um enfoque integrado ao currículo formal, com o objetivo de proporcionar aos alunos uma visão ampla e consistente da realidade brasileira e prepará-los para a participação social, estreitando os conteúdos à vida cotidiana e ao contexto sociocultural dos estudantes. Os PCNs elegeram, baseados no texto constitucional, princípios segundo os quais orientam a educação escolar: dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação e corresponsabilidade pela vida social. Em suas escolas, vocês, professores, podem incluir outros temas que julgarem de relevância

social para sua comunidade. Nessa vertente, em se tratando de saúde, o processo de construção de conhecimento permite problematizar questões socioeconômicas e culturais, bem como discutir e refletir sobre ciência e sociedade, integrado ao ensino das Ciências Naturais e demais áreas curriculares.

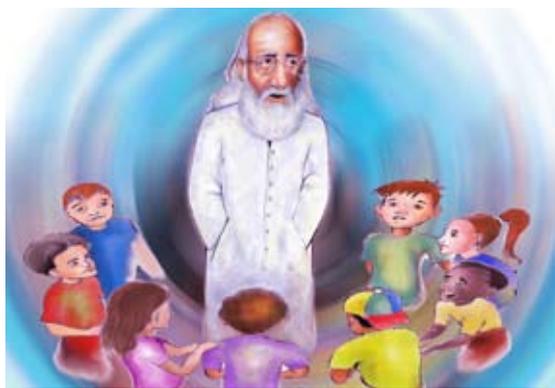


Figura 41: Discutindo as relações entre ciência e sociedade

Aqui introduzimos a palavra problematizar, o que remete ao educador Paulo Freire (1988), ao demonstrar que algumas palavras e temas são *geradores* de um processo educativo, contextualizado na realidade do educando, e que fazem sentido para a sua vida. O tema gerador pressupõe um movimento pedagógico interdisciplinar e tem como princípio metodológico a promoção de uma aprendizagem global, não fragmentada, que visa a proporcionar a integração do conhecimento e a transformação social. Um tema gerador pode ser geral e dele podem derivar diversos recortes para cada uma das áreas do conhecimento ou para as palavras geradoras. Portanto, um único tema gerador geral poderá dar origem a várias palavras geradoras que deverão estar ligadas a ele em função da relação social que os sustenta. A saúde pode se configurar como excelente tema gerador.

Mas, para falar de *saúde*, do *corpo*, do *amor*, do *respeito* com as crianças, é preciso ser verdadeiro e não meramente retórico e acadêmico. É preciso questionar a educação centrada na mera aprendizagem de conteúdos, onde predominam os aspectos cognitivos, e buscar uma maior integração dos aspectos *afetivos* e *singulares* do aluno, assim como sugerir estratégias de trabalho que favoreçam a sua expressão e compreensão, especialmente através da literatura infantil e outros recursos como artes plásticas, música, vídeos, internet etc. Isso é fundamental no que se refere à educação em saúde, considerada aqui, num sentido amplo, como educação para a vida.

Ao pensar no uso de livros no ensino de Ciências (e saúde), é preciso dar-se conta de como tais materiais poderão se encaixar na prática das escolas, de modo a possibilitar atividades produtivas. É importante alertar para que os materiais sejam trabalhados de modo a dar vazão à participação das crianças, *dando voz a elas*, pois só assim, elas poderão, de fato, enriquecer a sua própria experiência, na troca com os colegas, expondo suas ideias, seus preconceitos, suas fantasias, podendo discuti-las. Assim, o material não se limitará a transmitir informações, mas servirá de fonte para estimular a imaginação, a atividade criativa e o desenvolvimento da inteligência integral, cognitiva e emocional, através das quais poderá contribuir para a reflexão e a construção do conhecimento e da subjetividade de cada um enquanto indivíduo e sujeito social, responsável e solidário.

De que saúde falamos e como abordar o tema com as crianças?

Saúde vem de *salute*, palavra de origem latina que quer dizer salvação, conservação da vida. Seu significado varia de acordo com o tempo, tem uma conotação histórica e cultural, atrelada a valores e estilos de vida. Cada sociedade expressa o valor que dá à saúde por meio de políticas públicas que estabelecem prioridades e vão condicionar os recursos a ela destinados, influenciando os seus sistemas de cura e valorização da vida.

Desde 1948, a Organização Mundial da Saúde (OMS) conceituou saúde como um “estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”, o qual é uma referência mundial. No entanto, esse conceito vem sendo discutido e ampliado e hoje a literatura científica inclui aspectos emocionais, ambientais e a autorrealização, para além das dimensões físicas, mentais e sociais. Questiona-se também a expressão *completo bem-estar*, pois ela remeteria a um estado utópico, ótimo ou ideal de saúde, quando, na realidade, trata-se de uma condição dinâmica e temporária, requerendo atenção permanente.

Atualmente, a área de saúde coletiva analisa a saúde e a doença como fenômenos associados às formas de organização da sociedade, sem descartar a importância da dimensão biológica, mas integrada à determinação social. E assim, ao falar de saúde com as crianças é preciso, desde a mais tenra idade, associá-la à qualidade da água que bebemos, do ar que respiramos, dos alimentos que ingerimos, de como nos relacionamos com os outros e com o ambiente a nossa volta. É preciso, em linguagem apropriada, estabelecer um diálogo crítico sobre o consumismo desenfreado, os diferentes estilos de vida e de condições de trabalho, a pobreza e desigualdade social, a manutenção de recursos destinados às guerras, em prejuízo aos investimentos sociais e humanitários. A construção de um conhecimento crítico sobre saúde e qualidade de vida desde a infância é fundamental para o movimento coletivo de transformação da realidade e alcance de autonomia e autorrealização pessoal.

No Brasil, o movimento da saúde como um direito de todos e um dever do Estado é recente: foi legitimado na Constituição Nacional promulgada em 1988. Também na área da educação, só em 1971, a temática da saúde foi introduzida formalmente pela Lei

nº 5.692, denominada como Programa de Saúde, com o objetivo de “levar a criança e o adolescente ao desenvolvimento de hábitos saudáveis quanto à higiene pessoal, alimentação, prática desportiva, ao trabalho e ao lazer, permitindo-lhes a sua utilização imediata no sentido de preservar a saúde pessoal e a dos outros”. Em documento de 1977, o Conselho Federal de Educação estabelece que o Programa de Saúde não deve se constituir como disciplina, mas como um fundamento do processo formativo, devendo estar correlacionado aos demais conteúdos curriculares, especialmente Ciências, Estudos Sociais e Educação Física.

Vinte anos mais tarde, com a publicação dos PCNs (1997), a saúde é incluída como tema transversal, mas, ainda hoje, sua abordagem está prioritariamente atrelada às Ciências Naturais, e os livros didáticos continuam apresentando os conteúdos de saúde centrados na transmissão de informações sobre como as pessoas adoecem, os ciclos das doenças, os seus sintomas e as formas de profilaxia, distante das situações concretas da vida cotidiana dos alunos. Um exemplo dessa ênfase biologicista e ainda perpassada por incorreções científicas pode ser encontrada nos artigos de Mohr (2000) e de Schall (2009). Neste último, a autora apresenta uma análise de alguns livros didáticos adotados pelo PNL D para o ensino de Ciências na Educação Básica (5ª e 6ª séries) no Estado de Minas Gerais, utilizados entre 2002 e 2008, os quais contemplavam o tema esquistossomose.

Observam-se, em certos livros, erros conceituais e imagens incorretas do ciclo do parasita. À parte das incorreções, várias delas comentadas e ilustradas no artigo, a relação com o cotidiano da vida dos alunos e a determinação social da doença não são discutidos. Considerando a variabilidade de *habitats* onde vivem os caramujos hospedeiros intermediários do verme no Brasil, os livros deveriam ampliar tal informação, incluindo mapas de sua distribuição e a diversidade de locais de risco de transmissão. Outra informação relevante seria sobre o sistema venoso do intestino humano, local preferencial dos casais de vermes adultos, o que poderia facilitar a compreensão sobre a liberação dos ovos nas fezes da pessoa infectada. Essa seria uma informação de grande utilidade, momento de discutir a responsabilidade individual de evitar a deposição de fezes no ambiente, assim como de refletir sobre os direitos do cidadão aos serviços públicos como água encanada, saneamento e moradias

adequadas. Percebe-se aqui o quão distante das evidências científicas está o texto, bem como o descompromisso com uma pedagogia que prima por contextualizar o ensino na vida cotidiana, envolvendo aspectos sociais, culturais e políticos, oportunidade por excelência para uma educação em saúde crítica, construtiva e transformadora.

Aspectos históricos e metodológicos que perpassam a saúde na escola e um relato de experiência

O processo de cumprimento da saúde como direito de todos ou tema curricular está diante de uma realidade em que grande parte dos casos de doença e morte prematura no país está associada às condições desfavoráveis de vida. No Brasil, ainda temos elevadas taxas de doenças denominadas negligenciadas, como a esquistossomose, a dengue e a doença de Chagas, dentre outras, associadas à falta de saneamento e água de qualidade, bem como moradias precárias, lixo acumulado, dentre outras condições insalubres. Por outro lado, vemos crescer as causas de morte por doenças crônico-degenerativas, como as cardiovasculares, típicas de países desenvolvidos, associadas ao estresse, a hábitos alimentares impróprios, ao tabagismo, ao sedentarismo.

A educação em saúde pode ser responsabilidade da família, dos serviços de saúde, mas a escola permanece como instituição que pode se constituir em espaço genuíno de promoção da qualidade de vida, construindo condições para que seus alunos se instrumentalizem para a intervenção individual e coletiva sobre os condicionantes do processo saúde/doença, os mobilizando para as mudanças necessárias em busca de uma sociedade mais justa que propicie uma vida saudável a todos. Aqui, o professor deve ser o motivador para introduzir problemas que têm sentido na realidade dos estudantes, buscar informações e ir além do livro didático, elegendo materiais complementares e problematizando os temas por meio de estratégias pedagógicas diversas, priorizando os valores e aquisição de hábitos e atitudes como dimensões fundamentais. O enfoque pedagógico sobre saúde deve garantir aos pequenos que cresçam sabendo que têm direito à alimentação, habitação adequada, acesso à água limpa, aos cuidados primários de saúde e à educação básica.

A saúde permite um trabalho excepcional nesse campo ao gerar desdobramentos do processo de codificação e decodificação,

com vasto potencial ilustrativo e interativo. Ao falar da água¹, da alimentação, da qualidade da habitação, do corpo², qualquer que seja o tema abordado, poderá evocar aspectos históricos, sociais, a relação com os processos ambientais, remetendo a um tratamento transversal da saúde integrada às demais disciplinas, seja a Química, a Física ou a Biologia. O importante é, mais do que oferecer conteúdos, promover debates com os estudantes sobre saúde e focalizar a ideia de qualidade de vida enquanto uma

[...] representação social criada a partir de parâmetros subjetivos (bem-estar, felicidade, amor, prazer, realização pessoal), e também objetivos, cujas referências são a satisfação das necessidades básicas e das necessidades criadas pelo grau de desenvolvimento econômico e social de determinada sociedade” (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000).



Figura 42: Falar de saúde para uma educação política

Dessa forma, falar de saúde com as crianças é uma oportunidade de iniciar uma educação política, incluindo noções de desen-

¹ Ver o texto de Maria Inês Rosa e Nelson Bejarano.

² Ver os textos de Mônica Meyer e de Ana Maria de Oliveira Cunha, Denise de Freitas, e Elenita Pinheiro de Queiroz Silva.

volvimento, democracia, modo, condições e estilo de vida. Assim, ultrapassamos a noção de saúde biológica e promovemos o conceito amplo e polissêmico de promoção da saúde, que é intersetorial e transdisciplinar³.

Ao falar de uma educação política, faz-se relevante considerar a noção de educação proposta por Humberto Maturana (1998), o qual, em seu sistema de pensamento, explicita o ato de educar como um processo e um espaço de convivência, onde aqueles que convivem vão se transformando espontaneamente, de modo que tornam o seu modo de viver mais congruente. Ao se perguntar para que serve a educação, o autor esclarece que servir é um conceito relacional; por exemplo, serve para algo em relação a um desejo, já que nada serve em si mesmo. Assim, conclui que a questão verdadeira é: o que queremos da educação? E passa ao terreno do político, requerendo uma reflexão sobre o viver cotidiano no projeto de país onde estão inseridas as reflexões sobre a educação. Assim pensando, os projetos educacionais de cada época e lugar podem diferir, em seus objetivos, de acordo com a ideologia e o modo diverso de cumprir com a responsabilidade social. Nesse caminho, nós, professores, ao abordarmos a saúde da forma aqui considerada, como um tema gerador e transversal, podemos dar lugar a um amplo questionamento sobre a tarefa fundamental da educação em nosso país, que, no caso da saúde, deve estar em sintonia com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), quais sejam a integralidade, a equidade, a universalidade, que só têm sentido com a participação da população. Falar desses princípios na linguagem da criança é dar início ao processo de conquista da autonomia e da responsabilidade social, processo fundamental na formação cidadã.

E uma formação cidadã pressupõe compreender que o homem é parte integrante da natureza e, nesta condição, precisa do meio ambiente íntegro para ter uma vida saudável. É certo que qualquer dano causado ao meio ambiente provoca prejuízos à saúde pública e vice-versa. Ambiente e vida estão entrelaçados, sendo a existência de um a condição da existência do outro, o que demanda serem as atividades humanas regidas pelo respeito e proteção à natureza.

Numerosas situações demonstram a relação entre o meio ambiente e a saúde, e assim⁴ esses temas permitem discutir tais relações de forma ampla, valorizando-se, sobretudo, o componente social,

³ Ver o texto do André Ferrer P. Martins e de Maria Inês Rosa e Nelson Bejarano.

⁴ Ver o texto de Marsílvio Gonçalves Pereira.



Figura 43: Educação em sintonia com os princípios do SUS

como dimensão importante do processo, vinculando a questão à noção de coletivo. A questão social, ao ser incorporada como determinante na distribuição das doenças, engendra novas abordagens, e a análise histórico-estrutural pode ser debatida com as crianças por meio dos textos complementares, em que personagens vivem situações que se assemelham às das crianças, sejam de áreas urbanas ou rurais.

Como analisamos a inadequação dos livros didáticos na abordagem da esquistossomose, no Quadro 1, há um exemplo de trabalho realizado com alunos das séries iniciais, em que a doença foi tratada como um tema gerador, que tem sentido para a localidade das escolas participantes e para a vida dos escolares, desenvolvido na perspectiva da Escola Promotora de Saúde. Nela há demonstração de como utilizar os materiais complementares, entrelaçar os livros paradidáticos, literários e recursos lúdicos como o teatro de fantoches, o vídeo, os jogos, utilizando a doença para falar da determinação social do processo saúde/doença, construindo o conhecimento científico integrado às reflexões sobre a sociedade e a vida. (Para maiores informações, recorrer à referência na parte inferior do quadro).

Quadro 1 – Exemplo de uma experiência que pode ser desenvolvida pela escola, a qual deve ser adaptada à realidade local.

EXEMPLO DE TEMA GERADOR EM ÁREAS ENDÊMICAS DE MINAS GERAIS

Hoje, a esquistossomose é um problema que atinge 523 dos 853 municípios mineiros e muitos outros estados brasileiros. Embora seja considerada uma doença que atinge populações, sobretudo, rurais e periurbanas desfavorecidas, atualmente, com o aumento do turismo rural, tem ocorrido infecção de crianças e jovens de classe média que vão com suas famílias passar os fins de semanas em pousadas. Esse é um tema que pode ser tratado nas aulas de Ciências, ilustrando como a água aparentemente limpa de uma piscina de água corrente pode conter parasitas e ser um risco para a saúde, apesar da propaganda dos benefícios e prazer de nadar em águas naturais. Serve também para debater o direito a água encanada e ao saneamento básico e discutir sobre responsabilidade social e ambiental. O trabalho pedagógico deve incluir fotos, ilustrações, criação de histórias e até montagem de teatro de fantoches. As fotos das espécies hospedeiras intermediárias (moluscos do gênero *Biomphalaria*) do verme *Schistosoma mansoni*, permitirão ao estudante identificá-las em seu ambiente. Também devem incluir informações sobre a sua distribuição geográfica (exibir mapas e marcar pontos onde ocorre a doença), trabalhar o conceito de habitat, mostrar fotos do parasito que hospeda em suas formas larvares e adulta (aproveitando para trabalhar com medidas), e explicar a dinâmica de transmissão da doença. Além disso, deve mostrar imagens de situações de risco e transmissão, sintomas da doença, como evitá-la, tratamentos existentes e contextualização na realidade nacional, explicitando a sua relação com as condições socioeconômicas e culturais. É preciso também abordar a importância ecológica dos animais.

Todo esse conteúdo deve ser apresentado em linguagem acessível, com ilustrações contendo escalas, e baseadas em conhecimentos científicos atualizados. Excursões a áreas onde há presença de moluscos permitirão treinar a observação e depois realizar relatórios e/ou histórias ilustrados. Convidar as famílias para assistir à apresentação das histórias criadas permite socializar o conhecimento construído com os pais e ampliar a divulgação do problema, potencializando a sua prevenção.

SCHALL, V. T.; MASSARA, C. L. **Esquistossomose como Tema Gerador**: uma experiência de educação em saúde no município de Jaboticatubas - Minas Gerais. *Escolas Promotoras de Saúde: experiências do Brasil*. Brasília, DF: Ministério da Saúde/Organização Pan-Americana da Saúde, 2006. v. 6. p. 205-216. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/esc_prom_saude.pdf>.

Imagens adequadas para uso em sala de aula podem ser obtidas no endereço: <http://pide.cpqrr.fiocruz.br/> (clique no item publicações e a seguir em publicações PIDE. Ao acessar a lista de publicações, clique na de número 8, cuja referência está abaixo. Você terá acesso a duas publicações ilustradas com todas as imagens necessárias ao trabalho sugerido. Segue abaixo a referência:

8) SCHALL, V.; MASSARA, CL; ENK, M. J.; BARROS, H. S. **Os Caminhos da Esquistossomose**. Parte I Dentro do nosso corpo. Parte II No meio ambiente. Centro de Pesquisas René Rachou/Fiocruz, 2007. (Esquistossomose, 8).

Na experiência apresentada no Quadro 1, o que se destaca é a diversidade de abordagens metodológicas que permitem ao aluno identificar o problema, levantar hipóteses, coletar dados, discutir sobre as situações concretas de vida, descobrir soluções que possibilitem aplicar os conhecimentos construídos e comprometer-se com a promoção da saúde pessoal e coletiva. Também foi valorizada a projeção social do processo de ensino-aprendizagem na família e na

comunidade, por meio de alternativas de divulgação e integração dos mesmos no processo. Os alunos, ao produzirem esquetes teatrais, cartazes e demonstrações em uma Feira de Ciências organizada por eles em parceria com os professores, tornaram-se protagonistas na discussão da saúde com a família e a comunidade, divulgando e ampliando o saber, analisando e refletindo suas percepções sobre o tema, assim como a forma de resolver os problemas de sua realidade e mobilizando a todos para a sua transformação. Ao trabalhar o tema de forma transversal, houve integração de conhecimentos de outras disciplinas, como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia etc., ampliando a compreensão do problema e encaminhando proposições para questões da sua própria realidade.

Considerando a nossa experiência de quase 30 anos com desenvolvimento e utilização de livros paradidáticos e literários, bem como outros recursos lúdicos, como teatro e jogos, na abordagem de saúde nas séries iniciais, será apresentada a seguir uma reflexão sobre o valor de tais recursos, bem como alguns exemplos de materiais que podem fazer parte do processo educativo nas escolas.

Razões de tratar os temas saúde e ambiente com as crianças por meio da literatura e do lúdico

Primeiro vamos destacar o papel fundamental da emoção na constituição do pensamento e respectivamente nos processos de construção do conhecimento. Estudiosos, como o psicólogo russo Vygotsky (1991), já falavam que há uma vinculação recíproca entre imaginação e emoção, processo que descreve como *representação emocional da realidade*. É um fenômeno que abrange a influência da imaginação nos sentimentos e vice-versa. Acrescido a isso está o fato de que “todo sentimento ou emoção dominante deve concentrar-se em IDÉIA ou IMAGEM que lhe dê materialidade”; sem esta representação pode ficar em estado nebuloso. Aqui, professores, percebemos a importância da linguagem, seja verbal ou visual, na tradução dos estados afetivos, do esclarecimento das disposições emocionais que orientam as ações, nossas e dos nossos alunos. Esse potencial da linguagem encontra na literatura a sua expressão mais plena, como enfatiza Lajolo (1993):

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente... (p. 106)

Por sua vez, a linguagem escrita, diferentemente da oralizada, como na televisão, possibilita a criação de um espaço simbólico, estimula a imaginação do leitor, possibilitando uma interpretação criadora, uma reconstrução de significados, cumprindo funções que vão além da linguagem oral, permitindo, como aponta Dietzsch, uma “interlocução à distância, que supera os limites do tempo e do espaço, não atingidos pela fala” (1988, p. 4). A evocação de emoções e da imaginação possível pela escrita é ilustrada por Dietzsch (1988) ao comentar um relato de Sartre (1964), o qual, em sua imaginação de menino, via sair do livro “verdadeiras centopéias, que formigavam de sílabas e letras, estiravam seus ditongos e faziam vibrar as consoantes duplas: cantantes, nasais, entrecortadas de pausas e suspiros”. (DIETZSCH, 1988, p. 5).

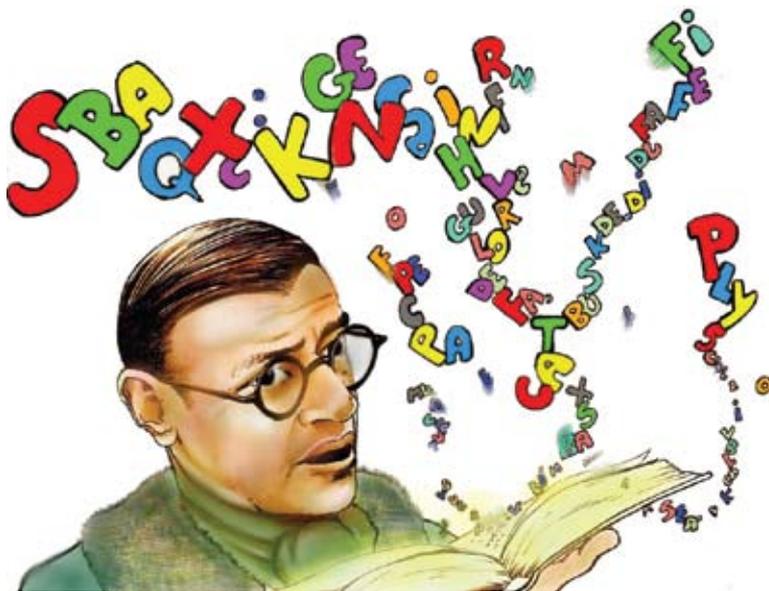


Figura 44: Evocação de emoções e da imaginação pela escrita

A autora ainda destaca a forma como a escola vem homogeneizando a escrita e a leitura, como o uso dos textos se restringe e se adapta aos rumos da cartilha, do livro didático e das redações encomendadas pelo professor, leitor único que apresenta uma única e, na maioria das vezes, restrita interpretação. Perde-se, assim, a oportunidade, talvez a única, que a criança brasileira sem recursos tenha, de aliar o afetivo e a fantasia infantil através do *contato com um mundo inteligente, vivo, real*, que pode ser recriado seja através da literatura infantil, do texto do jornal, seja na discussão dos acontecimentos do próprio bairro, da cidade, como também da própria vida. No Quadro 2, os exemplos de livros complementares e outros podem ilustrar essas possibilidades.

Além das obras complementares que vocês, professores, receberão nas salas de aula, é possível utilizar muitas outras, tanto da literatura brasileira quanto da internacional, onde há textos dirigidos às crianças, muitos dos quais motivadores para despertar o interesse sobre Ciência, saúde e qualidade de vida. O *Dicionário Crítico da Literatura Infanto-Juvenil Brasileira* (COELHO, 1995) inclui centenas de autores brasileiros, contendo sumários de suas obras. Trata-se de uma referência fundamental para todas as escolas, onde os professores podem escolher histórias apropriadas a temas ou situações especificamente enriquecedores para seus alunos. O que importa é o modo de trabalhar os livros em casa ou sala de aula, provocando a reflexão e a interação necessárias. Se bem orientado, um trabalho desta natureza pode permitir às crianças, através dos personagens que vivenciam conflitos e situações semelhantes às suas, descobrir outras alternativas de pensar e reagir perante as dificuldades que enfrentam.

Essa dimensão da literatura, enquanto fonte de prazer e de sabedoria, “pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”, como argumenta Lajolo (1993, p. 7). Aqui vale acrescentar as críticas dessa autora quanto ao uso pedagógico da literatura infantil na escola. Através de uma breve análise histórica, Lajolo (1993) aponta que, desde as poesias de Bilac até às produções atuais, a escola brasileira vem se apropriando do envolvimento da narrativa ou da força encantatória da sua linguagem poética para inculcar nas crianças sentimentos, conceitos, atitudes e comportamentos. Embora esses indicadores sejam positivos, a autora chama a atenção quanto à responsabilidade dos mesmos, por um *descompasso estético*, ao manter uma produção conservadora, que se caracteriza

por um compromisso pedagógico que garante o ingresso do seu produto na escola. Trata-se de um alerta importante, uma crítica que abre perspectivas não apenas de análise do *caráter histórico da organicidade institucional dos livros infantis*, mas que pode redundar em novas práticas de maior significação, seja através da criação de textos menos conservadores, bem como da melhoria da formação dos professores, de modo a superar o caráter reprodutivo da escola.

Contudo, se o espaço da literatura infantil merece melhor tratamento na escola, o livro didático pode e deve ser transformado, fazendo uso da narrativa de modo a motivar as crianças através do que elas mais apreciam: histórias. Sejam textos inseridos no livro didático ou os livros paradidáticos, ainda que mantenham claras intenções pedagógicas, podem conservar a leveza e a fruição dos contos infantis. O sucesso da obra pedagógica de Monteiro Lobato atesta essa possibilidade. Nunes (1986) reproduz trechos de uma carta de Lobato, em que o autor refere-se ao seu livro *Emília no País da Gramática*, comentando como a crítica ainda não havia percebido a significação de sua obra, enquanto uma nova possibilidade de “ensino para matérias abstratas” (p. 96). A epígrafe que abre o presente capítulo é parte desta carta antológica. Assim, seja na obra de Monteiro Lobato de pura ficção ou em textos intencionalmente pedagógicos, o envolvimento dos próprios personagens com a narrativa de D. Benta permite um “percurso de ida e volta entre texto



Figura 45: Motivar as crianças através do que elas mais apreciam: histórias

e vida”, que reforça a importância da evocação de experiências vividas pelos leitores, através das quais “o texto encontra o seu sentido”, como enfatiza Lajolo (1993, p. 99). Esse encontro do leitor com particularidades de seu contexto, a possibilidade sedutora de viver vidas alheias na ficção, envolve-o, abrindo suas portas para a construção de novos significados e de maior compreensão de si mesmo, da vida, do mundo, enfim, para o amadurecimento.

Quadro 2 – Exemplos de livros paradidáticos e literários que podem complementar a abordagem de saúde nas séries iniciais

A coleção de livros complementares, aprovados pelo MEC em 2009, proporciona uma excelente oportunidade para realizar uma abordagem transversal da saúde. Citamos alguns exemplos que servem para ilustrar esse potencial:

O livro **Não existe dor gostosa** (Ricardo de Azevedo, Companhia das Letrinhas, São Paulo, 2003), no qual, através de poemas e imagens da ilustradora Mariana Massarani, os pequenos leitores ficarão sabendo um pouco sobre as sensações físicas, e algumas emocionais, causadas por algumas doenças típicas de crianças da faixa etária das séries iniciais.

Há também outros como:

- **Corpo de Gente e Corpo de Bicho** (de Mick Manning e Brita Granstrom, Ática, 2008). Um livro fartamente ilustrado que faz comparações do corpo humano com o de outros animais e as funções de cada parte apresentada, utilizando uma linguagem clara e de agradável leitura.

- **Que febre de mosquito!** (de Maximiano Maxs e Figueiredo Portes, Ed. RHJ, 2002). Aborda, como tema, o mosquito *Aedes aegypti*, sua origem, sua disseminação e as parasitoses por ele transmitidas. Dá sugestões de como combater o mosquito de forma eficiente. Desmistifica a questão desconstruindo conceitos próprios do senso comum em uma linguagem clara e precisa.

Esse caminho que sugerimos aqui, a vocês, professores, de uso da literatura no processo de construção do conhecimento científico sobre saúde e ambiente, tem o compromisso com uma abordagem questionadora, sem *verdades* prontas, que estimula uma atitude reflexiva e responsável para com a vida, os outros e a natureza. O foco nas temáticas de saúde e ambiente, associadas à escrita literária de qualidade permite apresentar o saber científico em um contexto da vida. No texto literário reúnem-se informação de qualidade e a estética da palavra, acrescido de ilustrações não menos belas e atraentes. Ao compromisso estético e literário, associa-se o comprometimento com o conhecimento científico correto, e com formas adequadas de representá-lo.

Estes são alguns dos aspectos que, em nossa experiência, têm se mostrado efetivos para criar livros, jogos e mesmo espaços lúdicos que possam oferecer às crianças e jovens produtos e estratégias de qualidade, capazes de motivar o prazer de construir conhecimentos científicos enquanto lê, joga e brinca. E nesse processo, há lugar para um ensino de Ciências dinâmico e transdisciplinar, estimulando a construção de novos conhecimentos, motivando novas atitudes e, conseqüentemente, auxiliando em outro processo: o da prevenção de doenças, da promoção da saúde, da melhoria das condições de vida e preservação do ambiente. Alguns dos materiais e estratégias podem ser acessados em: <http://www.cpqrr.fiocruz.br/labes>

Referências

- ALVES, R. **Conversas sobre Educação**. Campinas: Verus, 2003.
- BORUCHOVITCH, E.; FELIX-SOUSA, I. C.; SCHALL, V. T. Conceito de doença e preservação da saúde de população de professores e escolares de Primeiro Grau. **Rev. Saúde Pública**, v. 25, n. 6, p. 418-425, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.
- COELHO, N. N. **Dicionário Crítico da Literatura Infanto-Juvenil Brasileira**. São Paulo: Edusp, 1995.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 21. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1988.
- LAJOLO, M. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciênc. saúde coletiva**, ano 5, n. 1, p. 7-18, 2000.

MOHR, A. Análise do conteúdo de saúde nos livros didáticos. **Ciência & Educação**, ano 6, n. 2, p. 89-106, 2000.

NUNES, C. **Monteiro Lobato vivo**. Rio de Janeiro: MPM Propaganda/Record, 1986.

SCHALL, V. T. Educação e divulgação científica sobre moluscos de importância médica – breve análise de materiais informativos sobre esquistosomose. In: Santos, S.(Org.). **Tópicos em Malacologia - Ecos do XIX EBRAM**. Rio de Janeiro. Sociedade Brasileira de Malacologia/Technical Books Ltda. 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.